



## I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica

### Síntese e conclusões

A Associação Portuguesa de Horticultura (APH) organizou o ‘I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica’, em parceria com a CERCICA e a Câmara Municipal de Cascais, que decorreu nos dias 20 e 21 de outubro 2016, no Auditório da Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril. Participaram cerca de 100 pessoas entre técnicos, investigadores e responsáveis de diversas instituições públicas e privadas. A este evento foi concedido o Alto Patrocínio de S. Ex.<sup>ª</sup> o Presidente da República, pelo facto de ter sido considerado um contributo para a concretização de ideias que tenham por base o futuro de Portugal.

Em torno de uma horticultura saudável e sustentável, juntaram-se experiências variadas, de norte a sul da Europa e de Portugal, com uma breve passagem em África, dinamizadas por instituições e empresas de caráter diverso, numa procura de encontrar soluções com pessoas idosas, doentes, com diversos tipos de deficiência ou dependência, com necessidade de inclusão como as pessoas sem-abrigo ou em estabelecimentos prisionais, que visam melhorar o seu bem-estar e a sua qualidade de vida a diversos níveis.

São, assim, diversas as dinâmicas territoriais, criadas na sequência de um conjunto de intervenções resultantes da responsabilidade social das empresas, que levaram à constituição de ‘teias’ solidárias, que se podem iniciar com a produção de um casulo enleado de seda, à organização de eventos culturais e técnicos em torno de hortas sociais; a integrar cidadãos, mais ou menos comuns, de forma mais ou menos voluntária, em atividades de contato com a natureza, recuperando emoções desde o ver nascer um produto natural, ao círculo de amizades que originam novas e alargadas famílias, em “cantinhos aromáticos” ou outros, e que visivelmente contribuem para aumentar o nível de satisfação das populações.

Poderíamos, também, procurar medir o sucesso da horticultura social e terapêutica na vida de jovens, ou menos jovens, com diversos tipos de deficiências, através da boa disposição, da vontade de conviver e integrar, do bem-estar que demonstram. Estes projetos, com níveis de abrangência e públicos diversos, baseiam-se regularmente em atividades de formação profissional, ocupação e integração profissional, para além de fins terapêuticos, com base em currículos formativos que vão sendo construídos face às capacidades, necessidades, vontades, de cada um dos companheiros, em exemplos que se multiplicam, desde a ASTA (Cabreira, Almeida), Quinta da Carapalha (Castelo Branco), Casa de Santa Isabel (São Romão, Seia), Quinta do Pezinho (Pinhel), Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, Escola Bioaromas, OASIS, Quinta Essência, Semear, Cercica, Dianova, ou o programa Verdear na Galiza.

Por outro lado, a realidade cada vez mais alargada das hortas urbanas, desde a Lipor no Porto, aos municípios de Cascais, Vila Nova de Famalicão, Braga, Póvoa de Lanhoso, Amares, Viseu, Moita, Lisboa, Sintra, Guiné Bissau, com caráter mais ou menos comunitário, associam-se a reconhecidos benefícios para seus utilizadores que são depois transportados para a vida das famílias e da sociedade envolvente. De entre muitos benefícios, recupera-se o espírito comunitário e de partilha, a criação de economias familiares e de grupo baseadas em trocas em natureza, o reconhecimento da natureza e do ambiente e seu valor, o encontro e o



reencontro entre gerações e grupos sociais diversos, a recuperação de alimentos de qualidade, tradicionais e locais.

A terapia através da prática hortícola é hoje uma realidade, como são exemplo o Centro Hospitalar Conde Ferreira que atua na área da saúde mental, ou a horta da Faculdade de Psicologia da universidade do Porto destinada a ser utilizada em estratégias de psicoterapia. Esta é uma nova área de trabalho e intervenção, que carece de formação e formalização profissional, nomeadamente ao nível da definição e certificação das competências e conhecimentos necessários ao seu exercício.

Importa, ainda, relevar o papel ambiental e rural de todas estas hortas sociais, terapêuticas, solidárias, familiares, comunitárias, já que todas comungam de uma base de agricultura sustentável e multifuncional, normalmente em agricultura biológica, que assenta no equilíbrio do ecossistema e numa gestão de recursos sustentável e com reduzidos ou sem efeitos negativos no ambiente.

Apesar de haver já consciência e algumas tentativas para medir o valor da felicidade obtida através da horticultura social e terapêutica, há ainda um longo caminho para perceber e comunicar o impacto destes projetos e modelos de intervenção social e terapêutica, através da prática hortícola. O esforço de quantificar os efeitos sociais e terapêuticos obtidos nestes formatos de organização são essenciais para garantir apoios e parcerias que possam sustentar a continuidade ou novas iniciativas, com base em instituições e parcerias sustentáveis.

E aqui, apesar da colaboração entre entidades e da participação e redes nacionais e internacionais, com base em projetos mais ou menos estruturados (cujo exemplo do Banco Alimentar contra a Fome do Algarve tão bem evidencia), terem já permitido a partilha de conhecimento, metodologias, experiências, recursos, há ainda muito a fazer, para que as pequenas iniciativas se possam congregarem em projetos de maior escala e com maior impacto e eficiência, desde aquelas que têm um cariz de intervenção social, às que se constituem como formas de vida e economia, com perspetivas de continuidade e coesão social.

Conhecer e comunicar os efeitos e cooperar/colaborar são pedras ou alicerces fundamentais, para a reivindicação de políticas e programas que servir este setor, num futuro que está aqui tão perto.

A discussão e definição dos conceitos de horticultura social e terapêutica para que se possam reivindicar e construir políticas públicas adequadas, em defesa de todos os cidadãos e entidades que participam e a criação de redes e parcerias formais e informais, são desafios que aqui se tornam conscientes. Estes mecanismos, à semelhança da realidade de outros exemplos, como o que se apresenta em Itália através do *Social Farming National Forum*, ou das *'care farms'* na Holanda, potenciam o impacto e a capacidade de intervenção de cada um de nós, a partir de um pequeno quintal para um mundo maior e melhor, onde socializar e incluir se tornem processos naturais.

Fica uma pequena grande esperança de um futuro que já existe.

Pela Comissão Organizadora  
Cristina Amaro da Costa  
Isabel Mourão